

O confronto rastafari na busca do si-mesmo: a transformação da consciência na visão da psicologia transpessoal

Vanessa Ferreira Franco*

Resumo

O objetivo deste trabalho foi estudar a consciência e a sua possibilidade de transformação. A partir da premissa de que artistas e místicos são uma ótima população para estudar esse fenômeno, foi enfocada a vivência do artista Bob Marley no contexto da sua religião: rastafari. O modelo ampliado de cartografia da psique de Stanislav Grof dentro da psicologia transpessoal serviu como sustentação teórica para a análise desse fenômeno. Tendo como hipótese que o símbolo é revelador da psicodinâmica da consciência, questionou-se se a mandala que aparece no disco de Bob Marley Confrontation revela uma possibilidade de transformação e se esta pode ser avaliada dentro de um determinado nível de consciência. Foi possível identificar que o símbolo da mandala revela a transformação da consciência de Bob Marley em um nível transpessoal, servindo como sustentação para as novas estruturas psíquicas que emergem com essa transformação. Entendendo o simbolismo da mandala como a luta do herói para renascer diante da morte e de um estado de opressão, a psicologia transpessoal ressalta que a vivência de Bob Marley pode ser vista como legítima e transformadora, uma vez que conta com dispositivos protetores e não defensivos, que fazem dessa vivência uma experiência integrada e psicologicamente saudável.

Palavras-chave: consciência; rastafari; mandala; psicologia transpessoal.

* Aluna da graduação do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC-SP de 2000 a 2004. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Mostra de Trabalhos de Conclusão de Curso da Faculdade de Psicologia da PUC-SP no dia 17 de novembro de 2004 na forma de painel e sessão coordenada. Trabalho apresentado no I Congresso Latino-Americano da Psicologia-Ulapsi, no dia 22 de abril de 2005, na forma de painel com exposição oral, sob o nome de *Psicologia e religião: o desenvolvimento saudável da consciência religiosa, a história rastafari de Bob Marley*. Trabalho apresentado na forma de sessão coordenada no VII Encontro de Pesquisadores da PUC-SP na área da Saúde, realizado de 30 de maio a 3 de junho de 2005 na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Trabalho vencedor do XI Prêmio Ana Maria Poppovic para melhor TCC em Psicologia da PUC-SP no ano de 2004. E-mail: vanessaffranco@yahoo.com.br

Abstract

The aim of this work was to study consciousness and its possibility of transformation. Starting from the premise that artists and mystics are the ideal population to study that phenomenon, this work focused on the life of the artist Bob Marley in the context of his religion: Rastafari. Stanislav Grof's enlarged model of cartography of the psyche within Transpersonal Psychology served as theoretical support to analyse this phenomenon. Based on the hypothesis that the symbol reveals the psychodynamics of consciousness, the question was whether the mandala that appears in Bob Marley's disk Confrontation reveals a transformation possibility and whether it can be evaluated within a certain level of consciousness. It was possible to identify that the mandala reveals the transformation of Bob Marley's consciousness at a transpersonal level, serving as a support to the new psychic structures that emerge with that transformation. Understanding the mandala's symbolism as the fight of the hero to rise again in the presence of death and of an oppression state, Transpersonal Psychology points out that Bob Marley's existence can be seen as legitimate and transforming, since it has protecting and not defensive devices, which make this existence be an integrated and psychically healthy experience.

Keywords: *Consciousness; Rastafari; Mandala; Transpersonal Psychology..*

INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu através de uma indagação pessoal como aluna de graduação do curso de Psicologia da PUC-SP.

Ao longo da minha trajetória na graduação, tive como descoberta mais fascinante o conceito da *consciência* e a possibilidade de vislumbrar como ela se transforma ao longo da vida. Assim, a *transformação da consciência* passou a protagonizar o meu foco de estudo e atuação terapêutica.

No estudo da bibliografia junguiana, aprendi que, no interior da psique, vivem grandes informantes da psicodinâmica da consciência: os símbolos. Estes nos informam sobre como a consciência elabora as experiências de vida, atuando a serviço da totalidade do ser. Desse modo, esses informantes deveriam merecer atenção especial.

Outro dado importante que obtive na bibliografia (Cavalcanti, 1998) é o de que o estudo dos símbolos tem recebido cuidadosa atenção nas ciências humanas como uma reação ao positivismo do século XIX. Essa informação norteou qualitativamente os dados deste estudo.

Bertolucci (1991) e Tardan-Masquelier (1994) afirmam que artistas, grandes cientistas, sábios e místicos são uma ótima população para o estudo do desenvolvimento da consciência, pois, por mostrarem uma diferença em relação à maior parte das pessoas, eles atuam como força progressiva na sociedade. Ao descobrirem novos caminhos para nós, eles emergem como perspectiva transformadora para a realização de mudanças evolutivas.

Foi seguindo essa orientação que dediquei tal oportunidade ao estudo da consciência de um artista definido como religioso e considerado um sábio dentro da sua religião. A religião é a rastafari e o sábio artista, Bob Marley.

Por sempre ter me chamado a atenção a postura artística, política e espiritual de Bob Marley, fui me abrindo para ouvir o que ele dizia e, a partir daí, percebendo que muitos de seus discursos poderiam ganhar uma contribuição da ótica psicológica.

Foi aí que o trabalho começou a ganhar uma forma própria. Ao me propor a estudar uma experiência espiritual, deparei-me com as modernas pesquisas sobre a consciência. Estas (Capra, 1982) revelavam que a consciência também se constitui através das experiências espirituais, sendo estas possuidoras de um alto potencial transformador.

Tais descobertas iam na contramão dos postulados científicos do paradigma cartesiano-newtoniano que, devido à sua aderência rígida, levou a uma limitação de análise de dados que não satisfaziam suas concepções, distorcendo e desconsiderando dados, ao invés de submetê-los a uma reavaliação de paradigma. Assim, as experiências espirituais foram reduzidas a psicopatologias e desvalorizadas, sem muito a acrescentar ao modelo vigente.

Nesse sentido, este estudo passou a considerar que, para que uma análise qualitativamente cuidadosa desse fenômeno pudesse ser realizada, uma reavaliação paradigmática seria imprescindível.

Diante dessa tarefa, o apoio teórico da psicologia transpessoal, baseado na obra de Stanislav Grof, abriu portas para a explicitação de fatos antes trancafiados ingênua e inadequadamente por pesquisadores cartesianos.

A psicologia transpessoal é uma abordagem totalizadora e que tem como objeto de estudo a consciência, entendida como possuidora de dife-

rentes níveis. Para ela (Grof, 1999), as experiências artísticas e espirituais são grandes portais para que uma dimensão de nível transpessoal de consciência se manifeste. Com esse ponto de vista, toda a análise teórica sobre a consciência de Bob Marley deveria levar em consideração a possibilidade de ocorrência dessa dimensão, que, em hipótese alguma, poderia ser negligenciada caso fosse legítima. Além disso, a psicologia transpessoal tem como um dos seus princípios a abordagem *bootstrap*.¹

De acordo com Capra (1982), a abordagem *bootstrap* é uma base filosófica da Física dos anos 60. Ela foi proposta para desenvolver uma teoria mais abrangente das partículas em conjunto com a natureza, em que os fenômenos não poderiam ser reduzidos, mas inteiramente entendidos através da autocoerência e da inter-relação das propriedades.

Os psicólogos contemporâneos passaram a entender que esses modelos de matéria seriam reflexos dos modelos da mente. Isso significa que, ao adaptar a abordagem *bootstrap* na sua teoria, a psicologia transpessoal acredita que não pode “haver uma teoria capaz de explicar o espectro total de fenômenos psicológicos” (ibid., p. 361). Desse modo, sua proposta é fazer um estudo integrativo, que lance pontes entre as diferentes abordagens teóricas em psicologia. Com isso, deve-se construir um modelo que contemple as diversas experiências da psique de maneira que possa ser formulada uma teoria nova e consistente, e não um mero acúmulo sobreposto de teorias.

Do ponto de vista da psicologia transpessoal, no estudo da consciência, deve-se ter cuidado com as definições do que é normal e patológico, principalmente no que diz respeito às experiências incomuns. Não se trata do conteúdo da experiência, mas do modo como ela é vivenciada e o grau em que são integradas pelo indivíduo de maneira saudável ou não. Ou seja, é de fundamental importância que a compreensão desses fenômenos seja “baseada num entendimento do espectro total da consciência humana” (ibid., p. 369) para seu devido tratamento, e é com base nesse ponto de vista que procurei abordar o estudo sobre a vivência de Bob Marley.

1 *Bootstrap* é uma referência ao cordão do calçado. Quando ele é puxado, todos os buracos onde ele se encaixa ficam consistentemente amarrados.

Os modelos conceituais que interligam de forma consistente as diversas facetas do espectro de experiências da consciência humana constituem um novo tipo de abordagem científica, dentre eles, o mapa da consciência de Stanislav Grof. É esse modelo que será privilegiado neste estudo.

Tentarei, a partir desse princípio metodológico, realizar um esboço significativo da maneira *bootstrap* de estudar a consciência, através da formação de pontes entre outras teorias psicológicas, como a psicanálise e a psicologia analítica. Esses apontamentos visam uma compreensão mais abrangente, pois contam com o apoio de outras formulações teóricas relevantes para a psicologia. Assim, iremos nos aproximar das *consciências parceiras* para que uma boa e depurada ancoragem no entendimento dos resultados possa se dar, seguindo o princípio “*Pontifício*” – que leva o nome de nossa Universidade – de fazer pontes entre as diversas visões de mundo.

Com isso, este estudo abriu-se cuidadosamente para trabalhar com conceitos ainda novos no âmbito da psicologia, aderindo, assim, a uma maneira inovadora de abranger a inter-ligação da experiência científica, psicológica, espiritual, artística e acadêmica.

OBJETIVO

Com o objetivo de estudar a consciência e a sua possibilidade de transformação a partir da vivência espiritual rastafariana do sábio artista Bob Marley, e com a hipótese de que os símbolos são reveladores da psicodinâmica da consciência, este estudo questiona se o símbolo de uma mandala, apresentada no primeiro disco póstumo de Bob Marley – *Confrontation*² –, revela uma possibilidade da transformação da sua consciência e se esta pode ser avaliada dentro de um determinado nível de consciência.

MÉTODO

Enquanto pensava sobre a melhor maneira de entender o fenômeno da consciência de um artista já falecido, já que não seria possível a realização

2 Vide figura em Anexo.

de uma entrevista, tive de refletir por onde iria levantar elementos que deixassem entrever a sua consciência. Foi quando me lembrei da atuação científica de Freud. Gay (1995) afirma que os estudos de Freud sobre o caso do médico, escritor e juiz, D. P. Schreber, somente através de memórias autobiográficas da sua obra *Memórias de um Doente dos Nervos*, foram analisadas sem que Freud o tivesse conhecido, originando a teoria da paranóia.

A exemplo de Freud, e com o objetivo de dar continuidade ao legado dos cientistas que se dedicam ao estudo da consciência sob a emergência de um novo paradigma, procurei fazer a análise da obra artística de Bob Marley tomando esta como um elemento que revela a sua consciência.

Desse modo, esse trabalho, exclusivamente teórico, toma como representação da consciência de Bob Marley: revelações pessoais relatadas em entrevistas; trechos de músicas; a mandala do disco *Confrontation*.

A discussão é realizada em cima da análise da mandala e conta com os relatos pessoais de Bob Marley e sua obra artística para a ilustração do seu sentido. Duas categorias norteiam a análise da mandala:

- 1) Quanto à cartografia da psique de Stanislav Grof;
 - a) Estados holotrópicos de consciência.
 - b) Matrizes perinatais básicas.
- 2) Quanto ao simbolismo da mandala *Confrontation*.

CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS

O rastafarianismo

O rastafarianismo é um movimento filosófico, político e espiritual nascido no berço da civilização negra que foi segregada da sua terra natal, a África, e levada opressivamente à América branca para trabalhar como escravos.

De acordo com White (1999), a partir dos anos 20 do século XX, esses negros, particularmente os jamaicanos, iniciaram uma busca de emancipação política na tentativa de libertar a África do domínio colonial europeu tornando

possível o retorno à Terra Natal. Essa busca passou a ter uma conotação espiritual quando a revelação de um profeta jamaicano – de que um rei negro seria coroado na África – se realizou, sendo interpretada pelo povo como o início de uma nova etapa na busca de libertação, agora, espiritual.

Surge a religião *rastafari*, que leva o nome do rei coroado na Etiópia. Para White (ibid.), essa jornada dava sentido à trajetória de perseguição opressiva – mesmo que a escravidão já tivesse sido abolida em 1834 – que esses negros ainda viviam na luta para sobreviver no “Sistema”, que chamavam de *Babilônia*.

Os rastas – novo nome dado na Jamaica aos negros – passam, então, a criar uma filosofia de vida calcada em princípios bíblicos cristãos, principalmente o Velho Testamento, e na herança religiosa das tribos africanas ligada à Bíblia Negra chamada de *Kebra Nagast*.

Uma das formas mais significativas de difundir a consciência rasta entre a população era a música *reggae*, tocada em rituais sagrados acompanhados de batidas de tambor, cânticos e orações, além da ingestão da erva sagrada *Kan*, nome aramaico para *cannabis* ou *haxixe*. Esse contexto favorece a emergência do que os rastas identificam como *vibração positiva* chamada de *Irie*, para que o *Amor* não seja esquecido e a luta pelos seus direitos não se interrompa.

O mais significativo difusor da religião rastafari pelo mundo foi o artista Bob Marley. De acordo com White (ibid.), desde pequeno Bob era visto como uma criança que apresentava características marcantes e evidenciava uma diferenciação singular. Ao se tornar músico, Bob Marley insere-se na cultura do gueto jamaicano como um jovem rebelde. Com a sua conversão ao rastafarianismo, Marley identifica-se com a história do povo negro, com a busca de libertação do sistema “Babilônico” e a volta à África, terra de seus antepassados. Para White (ibid.), o rastafarianismo traz à vida de Bob Marley uma significação espiritual, identificando sua vida na terra como uma missão a ser cumprida de acordo com os princípios de Deus ou *Jah* – o *Príncipe da Paz*.

Assim, Bob Marley passou a cantar músicas de cunho messiânico, libertário-espiritual, divulgando ao mundo a sua religião. Para Martin Claret

(s.d.), suas músicas incitavam o povo a lutar por seus direitos, ajudando a criar uma consciência que tinham perdido em anos de opressão e ignorância.

Em 1977, Bob feriu-se no dedo do pé e foi aconselhado a amputá-lo, o que não fez por motivos religiosos. Assim ele disse:

Rasta não concorda com amputação (...) Eu e Eu [eu e meus irmãos] não vamos permitir que um homem seja desmantelado. Jah, o Deus vivo, Sua Majestade Imperial Hailé Selassié I, Ras Tafari, o Leão Conquistador da Tribo de Judá, ducentésimo vigésimo quinto Soberano do Império etíope de três mil anos, Senhor dos Senhores, Rei dos Reis, Herdeiro do trono de Salomão, Ele vai me curar com a meditação do meu cálice de ganja, meu cutchie [cachimbo de argila tipo narguilé], ou me levará mais cedo pro Seu Reino. Nenhum bisturi vai cortar minha carne! Eles não podem matar Jah, não podem matar Rasta, o Rasta sobrevive. (White, 1999, pp. 21-22)

Com essa decisão, Bob Marley acaba por desenvolver o câncer. Para White (1999), com a constatação da sua doença, Bob Marley implica-se ainda mais na sua trajetória espiritual, seguindo sua fé e princípios rasta-farianos de não amputação de seu dedo. Essa postura lhe possibilitava continuar confrontando a Babilônia integralmente na busca da libertação de seu povo.

De acordo com White (ibid.), após a sua morte, Bob Marley foi considerado Herói Nacional e um profeta equivalente a José bíblico. A figura que ilustra o disco *Confrontation*, criada e planejada por ele como possibilidade de divulgação, pode então ser apresentada no seu primeiro disco póstumo.

Para a psicologia, o desenho do disco tem o formato de uma mandala, e tem muito a dizer a respeito da dinâmica da consciência de quem o criou.

Mandala

Mandala é a palavra sânscrito para “círculo”, uma figura geometricamente organizada ao redor do círculo ou de um quadrado. Os pontos mais significativos a serem ressaltados sobre as mandalas são:

- De acordo com Chevalier (2003), De Lucca (1993) e Jung (1977, 1999), as mandalas aparecem desde os tempos mais remotos em toda história da humanidade;
- Para De Lucca (1993), elas aparecem como uma evocação espontânea da psique de pessoas que estão próximas a crises e fases críticas da vida;
- De Lucca (ibid.) afirma que elas servem como um princípio organizador e atuam na tentativa de restabelecimento do equilíbrio interior perdido;
- Para Jung (1977), as mandalas são produtos de um inconsciente de caráter coletivo e trazidas à consciência na psique individual através da projeção de um arquétipo;
- De acordo com Jung (1999), é uma representação do arquétipo da totalidade, o *Self* ou Si-mesmo, fator esse que exprime a necessidade de integração de elementos contrários em uma totalidade unificada;
- Percebi, então, que as mandalas aparecem através de imagens simbólicas por meio de uma dinâmica de condensação de conteúdos latentes;
- Von Franz (1977) afirma que a mandala possui uma função protetora e não defensiva, ao mesmo tempo que promove a conservação do equilíbrio interior ou a criação do mesmo quando perdido;
- Para Jung (1999), o círculo representa o deus; e o quadrado a deusa, a terra ou a alma. Para Chevalier (2003), o círculo representa a totalidade, enquanto que o quadrado representa a tomada de consciência da totalidade;
- Pieri (2002) afirma que a mandala é instrumento revelador da totalidade psíquica e é propulsora do processo de individuação, que faz do homem o mais próximo da sua totalidade;
- De Lucca (1993) aponta que a mandala traz aspectos transcendentais à realidade individual e, com isso, uma aproximação da divindade, da espiritualidade e do que pode ser chamado de *transpessoal*.

A psicologia transpessoal

A psicologia transpessoal surgiu na década de 1960 como reação à rigorosa aderência das concepções cartesianas pelos cientistas e pela sociedade dos séculos XIX e XX.

Para Fonseca (2003), as descobertas da física moderna traziam contribuições para que o estudo da consciência conquistasse espaço em uma nova visão científica, abordando aspectos mais sutis da psique humana situados além da experiência cotidiana e que não mais poderiam ser estudados a partir dos conceitos tradicionais da linearidade causal espaço e tempo.

Foi daí que, para Grof (1987), através da psicologia moderna de Jung, as experiências espirituais e mitológicas da realidade passaram a ser consideradas como estados possuidores de um notável potencial terapêutico transformador. Para Grof (2000), eles poderiam ser atingidos através da prática de meditação, na criação artística, em rituais tribais, respiração intensiva e com o uso de substâncias psicodélicas, e foram denominados *estados holotrópicos de consciência* – estados em que a consciência se direciona para a totalidade.

O psiquiatra Stanislav Grof foi um dos maiores contribuidores na formação da psicologia transpessoal e dedicou-se ao estudo cuidadoso desses estados de consciência. Para ele (1999), as pessoas que experimentavam esses estados poderiam transcender as fronteiras restritas do ego corporal e estabelecer contato com modelos mentais coletivos e cósmicos.

Chamando essas experiências de *transpessoais*, Grof acreditava que, para o seu estudo, era necessária a ampliação do modelo de consciência tradicionalmente considerado nas ciências humanas, pois muitas dessas experiências iam além da biografia pós-natal e do inconsciente individual freudiano. Foi então que, através de estudos práticos, ele configurou uma nova visão de cartografia da consciência.

A cartografia da consciência de Stanislav Grof (Grof, 2000), abrange três domínios principais:

1) *Domínio biográfico-rememorativo* – nível de consciência que se constitui pelas experiências de vida a partir do nascimento. Abrange as experiências autobiográficas e individuais, que envolvem a dinâmica e os conflitos psicosexuais conceituados por Freud, junto do inconsciente individual.

2) *Domínio perinatal* – nível de consciência que é vivenciado pelo feto durante a gestação e o parto biológico. Nesse acontecimento, o feto vive uma real ameaça à sua vida, pois ele “morre” como organismo aquático e

nasce como forma de vida que respira ar. Esse é o nível de consciência de íntima conexão entre nascimento e morte. Para Grof (2000), as experiências existenciais desse domínio deixam profundas impregnações na psique que, posteriormente, influem na vida do indivíduo. Grof (ibid.) percebeu que, quando em processo de auto-exploração e psicoterapêutico, essas experiências de origem no nível perinatal passam a ser revividas conscientemente. É quando esse trauma é possível de ser integrado. Grof avaliou que essas experiências surgem em quatro padrões experienciais distintos, cada um caracterizado por dimensões específicas, podendo ser biológicas, psicológicas, arquetípicas ou espirituais. A esses quatro padrões, Grof (ibid.) nomeou *Matrizes Perinatais Básicas*.

a) Primeira Matriz Perinatal Básica (MPB I) – Chamada de *Universo Amniótico*, essa Matriz está relacionada à união primordial com a Mãe, quando mãe e feto vivem biologicamente uma unidade simbiótica antes do início do trabalho de parto. As experiências relacionadas a esse momento podem ser boas ou más, do tipo: “êxtase oceânico”, união cósmica, útero bom ou mau, encontro com entidades demoníacas...

b) Segunda Matriz Perinatal Básica (MPB II) – Chamada de *Engolfamento Cósmico e Sem Saída*, sua base biológica é o momento em que começam as experiências de contração sem que a cérvix uterina tenha aberto. É como se o bebê vivesse a “expulsão do paraíso”. O lugar onde vive não é mais tão protegido e tranquilo, pois este o fecha e o oprime, tornando-se doloroso e ameaçador, pois o feto não vê possibilidade de saída. As experiências relacionadas a essa Matriz são: sofrimento físico e psicológico imensos, situação insuportável e inescapável, visão apocalíptica do mundo, falta de significado da existência...

c) Terceira Matriz Perinatal Básica (MPB III) – Chamada de *Luta de Morte-Renascimento*, esse é o momento biológico em que o bebê experimenta a propulsão através do canal de parto após a abertura do colo do útero e a descida até a pélvis. Já existe uma abertura e possibilidade de sair, porém, o feto precisa se mover em direção à saída. Isso gera muita ansiedade no bebê, além das complicações que podem surgir. As experiências relacionadas a esse momento são ligadas à luta para sobreviver, situação limítrofe entre dor e prazer, experiências de morrer e renascer, memórias

da vida de testemunhas de guerra, encontro com figuras arquetípicas ou divindades, semideuses e heróis lendários representando morte e renascimento, confronto entre o bem e o mal, o arquétipo do Divino Julgamento, a imagem de “Servir o Deus Negro”, *insight* sobre o sentido da vida, “êxtase vulcânico”...

d) Quarta Matriz Perinatal Básica (MPB IV) – Chamada de *Experiência Morte e Renascimento*, essa Matriz está relacionada à experiência da efetiva saída do corpo materno, quando o bebê inicia uma existência própria. Porém, ele ainda está sujeito a sensações desagradáveis e à dependência do cuidado materno. As experiências relacionadas são: êxtase do tipo iluminação, sensações de renascimento e redenção, sentimentos fraternos, tendências humanitárias...

Os fenômenos perinatais representam uma linha intermediária crítica entre o indivíduo e os campos transpessoais, principalmente quando ele passa por uma experiência de confronto com a morte, em que luta para viver. Para Grof (2000), a única forma para superar esse dilema é transcendê-lo, vivendo a existência no domínio transpessoal.

Domínio das Experiências Transpessoais – São experiências que vão além das fronteiras individuais, quando o indivíduo atinge o “além-pessoal”. São comumente atingidas em um nível de consciência que não o de vigília. A percepção consciente desse nível implica que todos os dualismos e fronteiras sejam transcendidos e toda individualidade seja dissolvida na unidade universal. A consciência de um indivíduo pode entrar nesse domínio através de técnicas, com ou sem o uso de drogas ou espontaneamente. São tipicamente encontradas em experiências meditativas e místicas. A linguagem que mais se aproxima e é a mais apropriada para descrever esses fenômenos transpessoais é a linguagem mitológica e a das artes. Para Grof (ibid.), é muito difícil classificar essas experiências por serem muito ricas, complexas e variadas. Porém, algumas podem ser descritas como: transcendência de barreiras espaciais e temporais, experiências do micromundo, sincronicidades, identificação grupal e consciência grupal, experiências raciais e coletivas...

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quanto à cartografia da consciência de Stanislav Grof

O Estado Holotrópico de Consciência

Considerando que a experiência de Bob Marley está relacionada com o contexto ritualístico vivenciado pelos rastafaris diante da vida, incluindo cânticos, orações e a utilização da substância *Kan*, é possível que nessas experiências a consciência de Bob Marley tenha podido atingir um estado *holotrópico*.

Nesses estados, sua consciência pode acessar vivências de realidades míticas e arquetípicas, além de poder contatar a possibilidade de transcendência das fronteiras do ego corporal, acessando modelos mentais coletivos e até cósmicos, as chamadas experiências transpessoais.

Para Grof (1998), na vida operam forças do domínio arquetípico, forças essas que incluem figuras de bem e mal. Ele diz que se quisermos melhorar a situação do mundo, reduzindo a influência do mal sobre a vida, é preciso encontrar formas de expressão menos perigosas e menos destrutivas para as forças arquetípicas responsáveis por elas, criando contextos apropriados e canais de expressão seguros nos estados holotrópicos de consciência como estratégias para honrar essas forças, oferecendo-lhes saídas alternativas que realcem, ao invés de destruírem a vida. Com relação a isso, Bob Marley diz:

Temos o reggae abençoado, um reggae que a gente obtém quando experimenta, como quando se liga com a realidade (...) O reggae vai se tornar um verdadeiro combate (...), é como se a gente nascesse outra vez! Um sentimento brota da música como se a gente fosse batizado Espiritualmente (...) A música pode carregar você para o céu, para São (...). Esse é um ritmo antigo, de raízes! Por isso a gente descobre que não pode sair, é o início dos tempos, a Creação. (Martin Claret, s.d., pp. 49-51)

Assim, a música, a dança e os rituais meditativos demonstram ser estados holotrópicos de consciência e canais de expressão seguros, que reduzem o impacto das forças arquetípicas potencialmente destrutivas em

nosso mundo, como a presença do mal, que para os rastas está incorporado na “Babilônia”. Esses elementos, além de serem ditos e cantados por Bob Marley, aparecem também na ilustração da mandala do seu disco.

Matrizes Perinatais Básicas

Desde a época da escravidão, o povo negro carrega em si marcas da opressão e do aprisionamento como escravos. Mesmo após sua libertação, tais características da opressão continuavam a atuar na vida das culturas negras emergentes, como a Jamaica. No contexto cultural da Jamaica, intrigas, revoltas e lutas armadas são uma realidade constante, realidade essa testemunhada e vivenciada por Bob Marley durante toda a sua vida. Esses elementos demonstram que “não é à toa” que a luta é o viés de representação simbólica e arquetípica da experiência rastafariana. Bob Marley diz:

A escuridão cobriu minha luz, e trocou meu dia em noite. Onde está o amor a ser encontrado? Porque a vida deve estar em algum lugar a ser encontrada (...) Não há correntes nos meus pés, mas eu não sou livre.³ (Concrete Jungle. Bob Marley, 1999. Tradução minha)

Eu me lembro no navio negreiro, como eles brutalizavam nossa alma. Hoje eles dizem que somos livres, só para sermos aprisionados em pobreza. (Slave Driver. Bob Marley, 1999. Tradução minha)⁴

Essas palavras demonstram uma vivência de opressão e o inferno sem saída em que viviam os rastas, característico da MPB II. Mas quando Bob Marley afirma:

Todo homem tem o direito de decidir sobre o seu próprio destino (...) Vamos nos juntar para vencer o inimigo. Só assim que saberemos logo quem é o verdadeiro revolucionário. Porque não quero ver meu povo desunido e brigando entre si. Irmão, você tem razão, lutaremos por nossos direitos. (Zimbabwe. Bob Marley, 1979, apud Martin Claret, s.d., p. 90)

3 “Darkness has covered my light/ And has changed my day into night/ Where is the love to be found/ No chains around my feet/ But I’m not free” (Concrete Jungle. Bob Marley, 1999).

4 “I remember on the slave ship/ How they brutalised our very souls/ Today they say that we are free/ only to be chained in poverty” (Slave Driver. Bob Marley, 1999).

Nós nos recusamos a ser o que você queria que nós fôssemos. Somos o que somos e é assim que vai ser (...) Estou falando da minha liberdade e da liberdade do povo. O Sistema Babilônico é um vampiro.⁵ (Babylon System. Bob Marley, 1999. Tradução minha)

Sua fala, como um representante do povo rastafari, demonstra a necessidade da luta contra as forças opressivas, para que possam encontrar uma saída. Tal postura revela a entrada no contexto da MPB III. De acordo com Bertolucci (1991):

A verdadeira alienação é o afastamento das consciências de seu próprio poder de criação e transformação de seus destinos, o que as torna manipuláveis pelas forças do oportunismo. Não há possibilidade de manipulação quando as consciências se desenvolvem em direção à sua liberdade e autonomia, criatividade e potencial energético. (p. 112)

Desse modo, a entrada no contexto da MPB III demonstra o afastamento da alienação provinda das forças da opressão, para o desenvolvimento de uma consciência de transformação de seus destinos.

A mensagem é de viver. As nossas mentes estão perturbadas. Ninguém ensina aos outros o verdadeiro modo de vida. Neste momento, o diabo tem uma grande influência (...) O problema reside no fato do diabo precisar da vida de toda a gente. Mas aqui não se pode trabalhar para alcançar o que se quer. O Sistema mata as pessoas e é por isso que temos de matar o Sistema. (Martin Claret, s.d., p. 59)

A Jamaica é o país do diabo mesmo. É o diabo dirigindo parte da Terra, sabe, enquanto Deus está na África (...) É aí que a gente descobre que sofreu durante tantos anos, e não sabíamos por que se sofria. E tentamos nos unir, mas não temos nada em torno do que se unir. Olhe-se para a África e enxergamos as raízes. Enxergamos Deus. (...) É como estar perdido e encontrar-se (...) Por isso eu digo, não tenham medo, porque o homem tem esperança. (Ibid., p. 69)

O homem tem esperança, o inferno tem saída e há um sentido para a luta: “Servir o Deus Negro”.

5 “We refuse to be what you wanted us to be/ We are what we are/ And that’s the way is goin’ to be (...) I’m talkin’ about my freedom, people freedom and liberty (...) Babylon System is the vampire” (Babylon System. Bob Marley, 1999).

Êxodo, o movimento do povo de Jah (...) Então vamos andar pelas ruas da Criação (...) Sabemos para onde vamos, sabemos de onde viemos. Vivemos na Babilônia e vamos para a Terra do Pai.⁶ (Exodus. Bob Marley, 1999. Tradução minha)

Lutar para voltar à terra do Pai, conquistar novos territórios. O sofrimento tem direção definida, um objetivo e um significado, e o confronto entre o bem e o mal revela a criação de um novo mundo e a destruição do mundo dominante.

Na mandala *Confrontation* vê-se Bob Marley como São Jorge confrontando o dragão. Para White (1999), o dragão representa tanto o câncer mortal que começou no dedo do pé de Bob Marley quanto a *Babilônia*, o “Sistema”, que mantém os rastas como escravos da ignorância, impedindo que retornem à Terra Natal.

Para White (ibid.), na luta contra a morte, o cavaleiro etíope confronta a presença do bem e do mal dentro de si. Nessa imagem são feitas alusões à batalha apocalíptica entre a seita de Bob Marley e a Babilônia, com Bob demonstrando mais tranqüilidade quanto à revelação de seu propósito. De acordo com White (ibid.), para os rastas, o herói Bob Marley conquistou a morte através da música e essa ilustração comemora a vitória sobre a morte com a convicção de que a *Babilônia* pode ser derrotada pela música.

Existem alguns simbolismos arquetípicos que acompanham a MPB III e aparecem na mandala *Confrontation*. Estes estão relacionados a uma atmosfera de luta para sobreviver. De acordo com Grof (1999), nessa Matriz, é possível encontrar figuras arquetípicas ou divindades, semideuses e heróis lendários representando morte e renascimento, e, no caso da mandala, a figura de São Jorge. Com um olhar mais cuidadoso, alguns de seus elementos são característicos do contexto em que se insere o final da MPB III – luta morte-renascimento – e início da MPB IV – experiência morte-renascimento.

Depois que a luta para sobreviver na *Babilônia* ganha o sentido de “Servir ao Deus Negro”, passa a existir uma sensação de esperança de que a

6 “Exodus, the movement of Jah people/ So we gonna walk/ Trough the roads of creation (...) We know where we are goin’/ We know where we are from/ We live in Babylon/ We are goin’ to our Father’s Land” (Exodus. Bob Marley, 1999).

luta vai ter fim. Não se pode esquecer que, em termos biológicos, este é o momento em que o bebê se vê impulsionado a ir em direção a saída da cavidade uterina para que possa nascer. Nesse contexto, tensão e sofrimento atingem seu ápice, agonia e êxtase se fundem. A alegria e a festividade estampadas no sorriso de Bob Marley após a entrada da “espada-música” no centro do dragão denunciam que a luta vai chegando ao fim e expressam simbolicamente a disposição mental que precede o renascer, uma vivência menos violenta e perturbadora, uma atmosfera de extrema paixão e uma imagem que retrata a excitante conquista de um novo território: *Zion*, o Sião.

Aqui estão as palavras do Rastaman. Babilônia seu trono caiu! E eu ouço os anjos com os sete selos. Babilônia seu trono caiu! Eu digo, voe de volta para casa, para *Zion*. Em uma bela manhã quando tiver terminado o meu trabalho, eu voarei de volta para casa. (Rastaman Chant. Bob Marley, 1999. Grifo meu)

Para Grof (1998), no nosso nascimento biológico, emergimos no mundo material e “morremos” para a dimensão transcendental, do mesmo modo ocorre com a nossa morte física, quando nascemos para o mundo espiritual.

O relato anterior de Bob Marley pode ser visto como uma ponte para o Domínio Transpessoal. Nesse domínio, é possível o entendimento de que a vivência de Bob Marley – de ser considerado um profeta e de ter de confrontar a morte diretamente – proporcionou que “atingisse o além-pessoal” ou “transcendesse o pessoal”. Ou seja, a experiência rastafariana de Bob Marley pode ser considerada um fenômeno transpessoal. Não se pode esquecer que suas experiências meditativas e místicas puderam ser descritas e transmitidas através da música, da linguagem mitológica e das artes, a linguagem que mais se aproxima e é a mais apropriada para descrever esses fenômenos.

Assim, a partir da experiência simbólica da mandala é possível identificar elementos de domínio transpessoal, como *experiências de arquétipos universais*, através da experiência de Bob Marley a partir do nível do inconsciente coletivo, com o confronto entre arquétipos do bem e do mal,

do Si-mesmo, do Divino Julgamento, da Anima-Mundi e do herói;⁷ *identificação grupal e consciência grupal; experiências raciais e coletivas*.

Quando a realidade da morte se apresenta, o herói tem que tomar uma decisão. Ao assumir o seu papel religioso como profeta, Bob Marley passa de um nível individual para a psique coletiva. Para ele, o caminho é a destruição da Babilônia e não escapar da própria morte, amputando seu dedo. O confronto com a Babilônia é mais importante, pois quando a Babilônia morrer, toda humanidade estará livre. A vivência no final da Terceira Matriz Perinatal revela que a guerra é a possibilidade de libertação, tanto pessoal – pois Bob Marley conquista a morte seguindo sua fé e seus propósitos; como coletiva – ao não amputar o dedo, Bob Marley se reconhece como profeta e é reconhecido pelo povo. Assim, ele indica o caminho da conquista e da salvação.

Entende-se, com isso, que o confronto de Bob Marley com o arquétipo do inconsciente coletivo representa o salto para a “transpessoalidade”. Sua experiência de morte e renascimento é a membrana que separa o pessoal do transpessoal. Desse modo, pode-se considerar essa vivência como um evento transpessoal, em que o confronto se dá em um contexto coletivo e religioso, com cunho social e político, visando a libertação do povo.

Quanto ao simbolismo da mandala Confrontation

Os pontos principais a serem considerados neste item dizem respeito à função da mandala e ao simbolismo dos arquétipos envolvidos na figura.

Conforme as “Contribuições teóricas”, as mandalas aparecem em fases críticas da vida. A situação de proximidade da morte na qual vivia Bob Marley é um momento de crise e desequilíbrio. Com a evocação da mandala *Confrontation*, é possível restabelecer o equilíbrio interior como uma tentativa de cura e saída da incompletude e do sofrimento que vivenciava. Mas, para isso, há uma espécie de luta que é indispensável ao seu próprio fortalecimento e que possibilitará, assim, a abertura para a dimensão transpessoal.

7 Esses arquétipos serão explicados no próximo item.

Os símbolos do herói, do dragão, das dualidades de bem e mal, o Divino Julgamento e a *Anima-Mundi*, que aparecem na Mandala, são todos arquétipos do inconsciente coletivo que representam o Si-Mesmo ou o *Self*.

Para Jung (1999) o herói aparece como um ser que possui mais do que mera natureza humana. Desde o início ele é caracterizado como um deus em potencial e representa psicologicamente um arquétipo do Si-mesmo. Ele deve lutar para libertar a donzela raptada pelo dragão e implicar-se em uma luta que pode ser interpretada como uma evolução interior para emergir em uma consciência maior.

Para Campbell (1994), o dragão guarda coisas que lhe são prediletas, como jóias e jovens bonitas. Ele guarda essas coisas pois não sabe o que fazer com elas. Assim como o dragão, são também as pessoas, como parasitas, elas tentam sugar de você a vida de que necessitam. Para Campbell (1990), o dragão, psicologicamente, é o atrelamento de si ao próprio ego. Confrontar esse dragão é quebrar as suas garras frias, libertar a donzela, para que se possa ascender às esferas mais altas onde esta se tornará sua mentora espiritual e guia para a beatitude de uma vida imortal além do sono.

No momento da sua crise existencial, Bob Marley tem seus valores postos em xeque e seu desafio é o enfrentamento da morte. Bob Marley, como o herói São Jorge, mata o dragão em um processo de marcha rumo ao Si-mesmo. Esse confronto com a condição degradante, aprisionante, neurótica e intolerável que o impedia de agir em conformidade com o seu verdadeiro modo de ser fica ilustrado na mandala *Confrontation* como a representação do seu *processo de individuação*. Nesse momento, o que antes era sentido pelo ego como opressor, agora vai se tornando mais ameno, pois a luta ganha sentido e direção, o ego vai sendo transcendido e morre para o mundo opressor.

O dragão, como a Babilônia, representa o ego repressor que agora é vencido. Quando o Herói abate o dragão, a donzela pode ser libertada, se tornando a mentora espiritual e guia. Equivalente à *Anima Mundi* ou à Alma do Mundo, a donzela libertada pelo herói pode aparecer na figura do quadrado, que representa a terra, a deusa e a alma. Assim, o quadrado que envolve o círculo na mandala *Confrontation* simboliza não só uma proteção ao confronto que acontece no círculo, mas a tomada de consciência de que

a luta tem um fim e de que a morte pode ser conquistada, sendo, então, possível o retorno e a conversão às origens arquetípicas: a Terra Mãe não mais como uma África material, mas uma África como a Alma do Mundo.

O sorriso no rosto de Bob Marley e a espada-música penetrada no dragão refletem a trégua na batalha e uma súbita revelação. No centro da mandala habita a união dos opostos e, então, o Herói pode visualizar o Si-mesmo em uma vivência de existência não-egóica, trazendo a sensação de liberdade e um sentimento de “ser si mesmo”. Assim, ele pode se reencontrar com o *Amor* que estava perdido, junto do sentimento *Irie* da *vibração positiva*.

É justamente essa tendência à unificação que faz com que o conflito deixe de existir e torne a consciência de Bob Marley liberta. É aí que acontece a experiência de morte e transcendência do ego – morte e renascimento.

Dessa forma, como uma síntese, a mandala condensa e intensifica a mensagem de Bob Marley, fazendo com que o seu processo de individuação seja visualizado em forma de metáfora. Com isso, o processo de individuação de Bob Marley pode ser interpretado como uma representação característica do contexto do final da MPB III e passagem para a MPB IV.

Longe de ser louca, incapaz e irracional, a experiência do confronto com o dragão acontece em um lugar protegido que impede a dissociação do ego e promove a integração das dualidades em um crescimento psicologicamente saudável. Além disso, existe uma canalização segura das forças arquetípicas destrutivas que atuavam na vida de Bob Marley. Através do estado holotrópico de consciência, a religião rastafari serve como estratégia para reduzir o impacto dessas forças potencialmente destrutivas no mundo.

A mandala favorece a emergência do símbolo ultrapassando os conflitos. O centro da mandala é a própria integração dos opostos unidos em uma totalidade, é o verdadeiro encontro com o Si-mesmo e a certeza de que o Divino Julgamento foi revelado. O sorriso no rosto que *serve ao deus negro* vislumbra a certeza de sua busca e o encontro com a totalidade unificada. A luta acaba e começa a experiência do renascimento. O novo nome do negro é *Rasta* e ele aguarda o retorno às origens, a sua conversão, o acolhimento dos braços da Mãe África como a Alma do Mundo, em um plano agora espiritual, no Sião, o Monte onde *Jah*, o *Príncipe da Paz*, está

sentado. Essa experiência retoma a sabedoria da *Kebra Nagast* (Hausman, 1997) de que o negro teria um *destino difícil, mas glorioso ao fim*.

Assim, pode-se visualizar, através de um ângulo, a psicodinâmica da transformação da consciência de Bob Marley como etapa de um desenvolvimento transpessoal. Como um guia para o Si-mesmo, o *deus em potencial* Bob Marley completa a sua trajetória e traz, no simbolismo da mandala *Confrontation*, o ensinamento do Herói. Como modelo, o astro da cultura pop ajuda a todos a percorrerem o restante do caminho.

E lá, onde tínhamos encontrar algo abominável, encontraremos um deus. E lá, onde esperávamos matar alguém, mataremos a nós mesmos. Onde imaginávamos viajar para longe, iremos ao centro da nossa própria existência. E lá, onde pensávamos estar sós, estaremos na companhia do mundo todo. (Campbell, 1990, p. 131)

E é seguindo os passos do herói que poderemos realizar a imperiosa exigência que Jung nos deixou: “a de realizar uma tarefa vital transpessoal” (*Ma vie*, p. 362 apud Tardan-Masquelier, 1994, p. 19).

Talvez, a melhor conclusão a que poderemos chegar é trazendo à tona afirmações similares acerca desses modos de ver o homem e da necessidade de transcender um paradigma cristalizado, tanto do ponto de vista de Grof quanto do ponto de vista do rastafarianismo de Bob Marley:

Grof diz: “Mudança de Paradigma! (...) O Futuro vai nos mostrar!” (2000). E Bob Marley completa: “Rastafari é o futuro. Sim, Rastafari é a saída para o futuro! O Tempo Dirá” (*Time Will Tell*, 1991).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um paradigma científico emergente e holístico foi o caminho para que se pudesse estudar a vivência espiritual rastafari do sábio artista Bob Marley sob uma nova ótica. A cartografia da consciência de Stanislav Grof baseou a análise de alguns relatos de Bob Marley, suas músicas e a ilustração da mandala *Confrontation* como uma representação da sua consciência.

Esse estudo permitiu que a mandala *Confrontation* fosse entendida como um *Símbolo de Transformação* contextualizado pelo final da Matriz

Perinatal Básica III – luta morte-renascimento – e início da Matriz Perinatal Básica IV – experiência morte-renascimento – , revelando o fim da guerra do bem e do mal e o início da paz além dos opostos. Como uma manifestação integral do Si-mesmo, o herói, aqui Bob Marley, ao abater o dragão para libertar a Alma do Mundo, favorece que a humanidade oprimida possa encontrar o caminho da libertação interior.

Quando esse símbolo se manifesta, ele serve como suporte para a relação que Bob Marley estabelece com o mundo, para a emergência de novas estruturas psíquicas e para a contemplação de uma verdade espiritual. Entende-se, assim, que a mandala *Confrontation* é um símbolo da totalidade, integralmente ilustrado por imagens do Si-mesmo, representando aquilo que está para nascer em um domínio espiritual.

Dessa forma, esse estudo responde a pergunta afirmando que é possível estudar a transformação da consciência confirmando a hipótese de que o símbolo é revelador da transformação da consciência de Bob Marley em um nível transpessoal de consciência em um processo de morte-renascimento.

Além do mais, este trabalho identifica que a vivência de Bob Marley implica necessariamente um estado holotrópico de consciência, sendo este altamente transformador e terapêutico. Com a emergência do símbolo em uma mandala, pode-se dizer que tal vivência acontece em um espaço protegido e não defensivo, favorecendo a transformação saudável e integrada da psique.

Que as pesquisas sobre a consciência possam refletir sobre essa nova metodologia de estudo!

REFERÊNCIAS

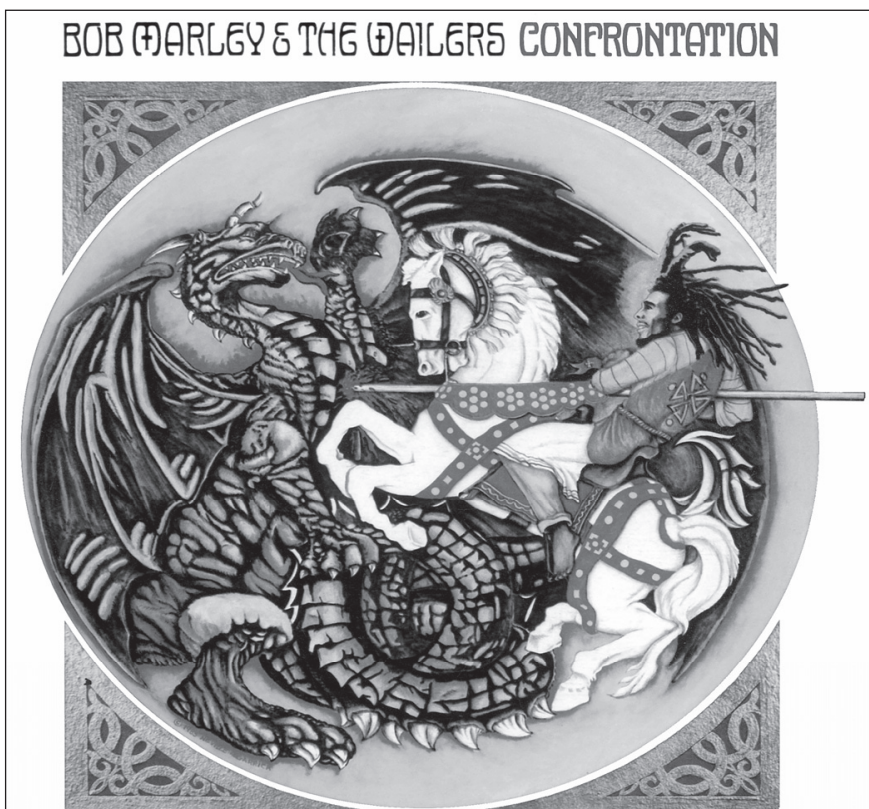
- BERTOLUCCI, Eliana (1991). *Psicologia do Sagrado: psicoterapia transpessoal*. São Paulo: Ágora.
- Bob Marley por ele mesmo* (s/d). São Paulo: Martin Claret.
- CAMPBELL, Joseph (1990). *O Poder do Mito*. São Paulo: Palas Athena.
- _____. (1994). *A Imagem Mítica*. São Paulo: Papirus.
- CAPRA, Fritjof (1982). *O Ponto de Mutação: A Ciência, a Sociedade e a Cultura emergente*. São Paulo: Cultrix.

- CAVALCANTI, Tito Rodrigues de Albuquerque (1998). *A Psicologia da Religião de Carl Gustav Jung e a Abordagem Religiosa de Mircea Eliade: acertos e desacertos de uma leitura psicológica dos símbolos religiosos*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião – Faculdade de Teologia. São Paulo: PUC.
- CHEVALIER, Jean et al. (2003). *Dicionário de Símbolos: (mitos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. 18 ed. Rio de Janeiro: José Olimpo.
- DE LUCCA, Arturo et al. (1993). *Psicologia Transpessoal – uma introdução*. São Paulo: Totalidade.
- FONSECA, Luiz H.de Sá (2003). *Grof, Psicologia Transpessoal e Respiração Holotrópica™: uma Análise sobre as Experiências de um Indivíduo sob uma Nova Perspectiva*. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Faculdade de Psicologia. São Paulo: PUC.
- GAY, Peter (1995). *Freud: uma vida para nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- GROF, Stanislav (1987). *Além do cérebro: nascimento, morte e transcendência em psicoterapia*. São Paulo: McGraw-Hill.
- (1998). *O Jogo Cósmico: explorações das fronteiras da consciência humana*. São Paulo: Atheneu.
- (1999). *A Mente Holotrópica; novos conhecimentos sobre psicologia e pesquisa da consciência*. 3 ed. Rio de Janeiro: Rocco.
- (2000). *Psicologia do Futuro: Lições das Pesquisas Modernas da Consciência*. Niterói, RJ: Heresis.
- HAUSMAN, Gerald (1997). *The Kebra Nagast: the lost bible of Rastafarian wisdom and faith from Ethiopia and Jamaica*. New York: St. Martin's Press.
- JUNG, Carl Gustav (1977). *O Homem e os seus Símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- (1999). Psicologia e Religião. In: *Obras Completas de C.G.Jung*. vol. XI/1. 6. ed. Petrópolis: Vozes.
- (1999). Interpretação Psicológica do Dogma da Trindade. In: *Obras Completas de C.G.Jung*. vol. XI/2. 5 ed. Petrópolis: Vozes.

- JUNG, Carl Gustav (1999). Símbolos de Transformação. In: *Obras Completas de C. G. Jung*. vol. V. 4 ed. Petrópolis: Vozes.
- (2000). Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo. In: *Obras Completas de C. G. Jung*. vol. IX/1. Petrópolis: Vozes.
- PIERI, Paolo Francesco (2002). *Dicionário Junguiano*. São Paulo: Paulus.
- TARDAN-MASQUELIER, Ysé (1994). *C. G. Jung: A sacralidade da experiência interior*. São Paulo: Paulus.
- von FRANZ, Marie Louise (1977). “O processo de Individuação”. In: JUNG, Carl Gustav (org.). *O Homem e os seus Símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- WHITE, Timothy (1999). *Queimando Tudo: a biografia definitiva de Bob Marley*. Rio de Janeiro: Record.
- Bob Marley and The Wailers: Confrontation*. Island Records Ltd.: 1982. 1 CD-ROM.
- Bob Marley: Songs of Freedom*. Trevor Wyatt e Nerville Garrick. New York: Island Records Ltd., 1999. 4 CD-ROM.

ANEXO

A mandala *Confrontation*



(Bob Marley and The Wailers: Confrontation, 1982)